A minha modesta casinha

Ana Gomes de Almeida · 23.11.2026

POLÍTICA · SOCIEDADE · CULTURA

A poesia de Ana Gomes de Almeida agrupa preocupações com a Habitação, mas também um forte sentido crítico dirigido a quem perverte os princípios da democracia.

Olhem para a minha modesta casinha,
tão modesta quanto eu.

Venham ver as suas três vertentes,
três quartos, três pisos caiados,
e, resplandecendo ao sol,
o meu vasinho de alecrim,
definhando num mar de cimento,
num português jardim
de carros, sem cravos ou rosas.

Meu Deus, como é bom morar
num lar meu até ao terceiro andar!

É meu, paguei-o eu.
Lutei por ele. Trabalhei por ele.
E é meu, merocraticamente…

…daqui a três ou quatro décadas.

Qualquer um pode: é só trabalhar.
É tudo uma questão de arregaçar,
arregaçar bem as mangas,
ter atitude de Ronaldo, e, claro,
no momento certo,
como bom português,
que faz o que os Passos ditam,

Emigrar.

Se o canudo é de uma área sem saída,
arranjas a saída lá fora!
Escolhes a empresa certa à sorte,
aproveitas o *boom* tecnológico,
evidentemente antes das inteligências,
e depois regressas no Programa certo
e poupas as benesses fiscais
financiadas pelos que ficam.

E tropeças numa casa com algumas imperfeições
ou antes, muito *potencial* potenciador de desconto:
telhado por reparar, piso estragado,
questionáveis papéis de parede em roxo e dourado,
inefáveis portas sem trinco nas casas de banho
(também elas de azulejos colorados).

Ter guito para um lar
é só uma questão de atitude para arriscar
e, claro, de visão:
saber antever os defeitos,
os defeitos e as décadas certas
que baixam os preços de aquisição.

A minha casinha,
comprada noutra década,
será merocraticamente minha,
daqui a três ou quatro décadas.

A chamada

Chamaram por mim, e eu deixei-me estar.
Chove lá fora, e aqui está quente,
confortável, e eu, ciente
que nem todos têm um lar,
como o meu, que paguei eu,
ainda assim, deixei-me estar.
Deixei-me ficar no meu lar.
Na morada com o meu nome,
No lar que é meu.
Já disse que paguei eu?

Deixei-os clamar por mim.
Cantar por mim, falar por mim,
acampar por mim,
por mim reivindicar
o teto-comum que não temos.

Deixei-os lutar por mim,
pelos alicerces da democracia,
arruinados por anos de demagogia
e muita desinformação.
Deixei-os formar parede,
resistir ombro a ombro,
aos bastões e às feras,
de cravo na mão.

Deixei-os lutar por espaços seguros,
metros quadrados inclusivos,
Verdadeiramente representativos.

Deixei-os formar oficinas,
criar clínicas e cantinas,
partilhar experiências,
falar das suas vivências,
debater sugestões e soluções.

Deixei-os lutar na cozinha,
através da sopa, do pão,
oferecido sem quê ou senão.
E nas casas de banho públicas
esfregadas com esfregonas
doadas pelos que apoiam a luta.
Limpezas voluntárias,
não mentiras milionárias.

Afinal, a luta não é minha.
Nem é das mães da acampada,
Nem dos advogados da acampada,
Nem dos médicos da acampada,
Nem dos vizinhos da acampada,
Nem dos amigos da acampada.

Vão mazé trabalhar!

A chuva

E a chuva não lhes apagou a chama.
Não os tirou da praça, não lhes calou a voz.

A chama não esmoreceu.
Brava e fulgurosa, aqueceu
outros corações, outrora frios.

Chamou em mim, em nós,
nos sós e acomodados,
a vontade de lutar.

De clamar, de reivindicar,

o lar que todos devemos ter.

De lutar pela democracia
como o nosso lugar-comum
Por paz, por pão
Por saúde, por educação.
E, sempre, por habitação.
Lugar-comum, sim, mas lugar certo,
no lugar certo à hora certa:
juntos na praça,
cinco décadas depois da primavera.

Ainda chove

Ainda chove na praça,
chove aqui, longe do lar
e do conforto da brasa
onde crepita o Magusto.

Mas é na praça da primavera
que as castanhas sabem melhor.
Sabem a esperança, sabem a democracia,
sabendo enfrentar o fel vento de mudança.

Acorda

Acorda
Vem comigo
O dia já começou
E juntos somos mais
Que alguma vez seríamos
Se estivéssemos sempre sós.